

CIDADE ABERTA

A119822

PEDRO MAIA



Bonita história de fé na Praia do Canto

Com o passar do tempo vai se apagando na memória dos capixabas o cenário rural e bucólico da Praia do Canto na primeira metade dos anos 50. Pois no último final de semana prolongado, revendo antigas publicações de revistas capixabas, nos deparamos com uma série de matérias que nos levaram outra vez para aqueles tempos.

Fazendo a ligação com o centro da cidade havia os bondes da Central do Brasil e o “belo e formoso loteação” de propriedade do empresário Augusto Azevedo que marcou sua época naquela região da cidade.

O bairro (“Novo Arrabalde”, do projeto original de Saturnino de Brito) era um vasto mundo: tanto assim que se dividia em várias províncias – Praia do Canto, Praia Comprida, Praia do Meio, Barracão e Santa Helena – hoje tudo interligado num nome só, metropolizado num gigantesco e sofisticado aglomerado urbano restando daqueles tempos apenas a base do velho cruzeiro erguido no alto do antigo morro do Guajuru, que por conta disso passou a ser conhecido como “morro do Cruzeiro”

Sobre o assunto vale pena passar para os leitores como e porque o morro do Guajuru se tornou o morro do Cruzeiro.

Certa vez Augusto Azevedo estava em casa lavando o seu disputado “loteação” quando viu alguns padres subindo a pedreira. Eram frei Pedro Sanches, vigário de paróquia de Santa Rita, junto com os padres Luca da Apresentação e Gregório da Virgem Dolorosa.

No retorno, os religiosos chegaram na casa de Augusto e avisaram que pretendiam construir um cruzeiro no alto da pedra.

Muito católico Augusto colocou logo a mão na massa e na serraria Santa Helena, na Praia do Suá, de propriedade de José Maria Vivacqua Santos, conseguiu a doação de duas grossas peças de sucupira, de 30x30 centímetros de diâmetro, uma com dez, outra com quatro metros de altura.

Depois arrumou alguns prosélitos, entre eles um marceneiro, Castro Mombrini, e um cavouqueiro, Antônio Bom Filho, que

faria a base de pedra para a cruz. O trabalho foi feito em regime de mutirão: até mesmo o frei Pedro subiu a pedra levando cimento.

No dia 27 de março de 1955, o cruzeiro saiu da igreja Santa Rita em procissão e foi levado nos ombros do povo até o alto da pedra. Lá, foi posto em pé pelo pessoal da Central do Brasil, da mesma forma manual que erguiam os postes de luz. Às 18 horas promoveram a realização de uma missa rezada pelo bispo dom José Joaquim Gonçalves. A partir de então, o povo passou a chamar o morro do Guajuru de “Morro do Cruzeiro”.

Tempo depois Augusto fez a instalação da iluminação do monumento com 74 lâmpadas atendendo pedido de pescadores que usavam o cruzeiro iluminado como ponto de orientação em alto-mar.

A cruz original de sucupira ficou no alto do morro por 35 anos. Uma noite, já morando na rua Saul de Navarro, do outro lado da pedra, Augusto viu a cruz pegar fogo. Primeiro viu gente no alto da pedra, à tarde. Depois, já anoitecendo, viu um fogaréu lá em cima. Chamou os bombeiros, que não chegaram a tempo. Restou-lhe assistir, da janela da sua casa, ao cruzeiro arder até tombar ao solo.

Mas isso não foi o fim da história. Algum tempo depois um jovem que estava doente desenganado pelos médicos havia visto o cruzeiro em chamas e fez a seguinte promessa: se ficasse bom mandaria botar uma cruz de ferro para substituir a que queimara. E assim foi feito anos depois.

Bonita história, não? Mas olhem para o alto do morro hoje e só verão a pedra calvária, com os tufo de cactos crescendo ao redor. Não verão cruz nenhuma, nem de pau, nem de ferro. A cruz da promessa foi roubada para venderem no ferro-velho.



No dia 27 de março de 1955, o cruzeiro saiu da igreja Santa Rita em procissão e foi levado pelo povo até o alto da pedra